

Conceitos e Modelos em Turismo: uma evolução do reducionismo aos sistemas turísticos

Conceptos y Modelos en Turismo: una evolución del reduccionismo a los sistemas turísticos

Concepts and Models in Tourism: a development from reductionism to tourism systems

Daniel Arthur Lisboa de Vasconcelos*
e-mails: *daniel_al_br@hotmail.com*

Resumo

O objetivo do artigo é gerar uma reflexão sobre o fenômeno turístico à luz da abordagem sistêmica, agregando em um só texto referências de diversos teóricos da área. Inicialmente, trataremos de alguns aspectos do pensamento sistêmico. Em seguida, será realizado um breve enquadramento histórico do surgimento do conceito de turismo. Adiante, transcreveremos diversas definições do fenômeno turístico de autores de diversas correntes, classificando-as, de acordo com a ênfase conferida a essas, nos paradigmas reducionista ou holístico de nossa ciência ocidental. Por fim, mostraremos alguns modelos de sistemas turísticos elaborados até o presente momento, enfatizando a importância da visão holística e da análise sistêmica para os estudiosos do turismo.

Palavras-chave: Turismo; Reduccionismo; Holismo; Sistemas Turísticos.

Resumen

El objetivo del artículo es generar una reflexión sobre el fenómeno turístico a la luz del abordaje sistémico, añadiendo a un sólo texto, referencias de diversos teóricos del área. Inicialmente, trataremos de algunos aspectos del pensamiento sistémico. A la secuencia, se realizará un breve encuadramiento histórico del surgimiento del concepto de turismo. Adelante, transcribiremos diversas definiciones del fenómeno turístico de autores de varias corrientes, clasificándolas de acuerdo con la énfasis conferida a esas, en los paradigmas reduccionista u holístico de nuestra ciencia occidental. Por último, mostraremos algunos modelos de sistemas turísticos elaborados hasta este presente momento, enfatizando la importancia de la visión oolítica y del análisis sistémico para los estudiosos del turismo.

Palabras clave: Turismo; Reduccionismo; Holismo; Sistemas turísticos.

Abstract

The objective of this article is to stimulate reflection on the tourism phenomenon, in the light of the systemic approach, gathering in a single text, references from various theorists in the area. Initially, it deals with some aspects of systemic thought. Next, it gives a brief historical context of the emergence of the tourism concept. It then gives various definitions of the tourism phenomenon, from authors of different streams of thought, classifying them according to the emphases given to them, in the reductionist or holistic paradigms of our western science. Finally, it shows some models of tourism systems that have been developed, emphasizing the importance of the holistic vision and systemic analysis for tourism academics.

Key-words: Tourism; Reductionism; Holism; Tourism Systems.

1 Introdução

Nesse início de século, período marcado pelo crescimento das contestações dos paradigmas da ciência ocidental mecanicista ou reducionista, vários teóricos adotam concepções amplas e integradoras para tentar explicar os diversos fenômenos (naturais ou sociais) à luz de uma nova abordagem denominada sistêmica.

O pensamento sistêmico tem origem na teoria geral dos sistemas¹, concebida por Ludwing Von Bertalanffy (1901-1972), e deve ser entendido como uma reação científica ao mecanicismo na interpretação da realidade. [...] O significado da palavra "sistema" [...] deriva do grego *synhistanai* ("colocar junto"). Entender as coisas sistemicamente significa, literalmente, coloca-las dentro de um contexto, estabelecer a natureza de suas relações. (CAPRA, 1997, p. 39).

Sistemas são séries de objetos que têm determinada relação entre eles e seus atributos (HALL, 1964 *apud* ANGELI, 2000). Ainda podemos defini-los como complexos de elementos ou componentes direta ou indiretamente relacionados numa rede de causas, de modo que cada um desses componentes relacione-se com ao menos alguns outros, de modo mais ou menos estável, em determinado período de tempo (BUCKLEY, 1971 *apud* ANGELI, 2000).

Podemos, ainda, entender um "sistema" como um objeto de estudo que abrange: (1) conjunto de elementos (também conhecidos como entidades); (2) um conjunto de relacionamento entre elementos; e (3) conjunto de relacionamentos entre esses elementos e o ambiente (HALL, 2001).

Bertalanffy (1973) classificou-os em fechados e abertos, desta maneira:

- Fechados: subdividem-se em estruturas estáticas, relojoaria (máquinas) e mecanismos de controle (servomecanismos do tipo homeostato), em que nenhum material entra ou sai.
- Abertos: organismos inferiores, animais, homem, sistemas sócio-culturais e sistemas simbólicos, onde existe importação e exportação de energia e matéria.

Compartilhamos da opinião de Beni (2001), quando nos ensina que as aplicações da Teoria Geral de Sistemas são inúmeras na ciência, inclusive servindo para o fenômeno do turismo. Como o próprio autor explicita, o turismo é um sistema aberto, pois está sujeito a trocas e interações com seu ambiente (Id. *Ibid.*).

Com base no exposto, nossa proposta é realizar uma breve reflexão sobre as conceituações mais clássicas do fenômeno turístico, classificando-as de acordo com a abordagem utilizada pelos seus formuladores, enquadrando sua forma de abordar o turismo, numa concepção reducionista ou holística.

Por fim, veremos a importância de alguns modelos de sistemas turísticos elaborados até o presente momento.

2 Surgimento e Evolução do Conceito de Turismo

Um dos maiores desafios aos estudiosos do turismo talvez seja o de conceituar esse fenômeno, repleto de interfaces e passível das mais diversas possibilidades de abordagens, sejam elas científicas ou não.

O fenômeno turístico pode ser definido sob vários enfoques. As abordagens dos diversos autores conferem-lhe preceitos técnicos, acadêmicos, jurídicos, econômicos; assim como holísticos e sistêmicos, os quais tentam enquadrar o fenômeno de maneira mais completa e aproximada da verdadeira realidade.

No entanto, um aspecto inerente ao turismo é o câmbio temporário do local de residência; essa consideração tem base no conceito de viagem, que é um tipo de deslocamento no qual se prevê o retorno ao local de origem.

Existem dúvidas sobre a época em que o ser humano começou a realizar suas viagens. Provavelmente, esse fato ocorreu há milhares anos, quando o homem ainda era um ser essencialmente nômade.

Assim, o turismo, em termos históricos, iniciou-se quando o homem deixou o sedentarismo e passou a viajar (IGNARRA, 2001).

Pesquisas arqueológicas revelaram que, há treze mil anos, grupos humanos que habitavam em uma caverna nos Pirineus franceses viajavam até o mar e retornavam (LEAKEY, 1985 *apud* BARRETTO, 1995).

Autores situaram o surgimento do turismo na Grécia (século VIII a.C.), com as viagens motivadas pelos jogos olímpicos a cada quatro anos (DE LA TORRE *apud* BARRETTO, 1995). Outros, como Ignarra (2001), crêem terem sido os fenícios que desenvolveram o conceito moderno de viagens, por terem desenvolvido o comércio internacional como instrumento de sobrevivência.

Durante o decorrer de sua história, e na maioria das civilizações, quase sempre o ser humano teve a necessidade de viajar, seja por motivos de lazer, comércio, saúde ou quaisquer outros.

Segundo Moesch (2000), o termo *tour* apareceu documentado na Inglaterra, em 1760, e a etimologia da palavra permitiu a indicação de sua procedência no latim com *tornus* (substantivo: *torno*) e *tornare* (verbo: *redondear, tornear, girar*). Acredita-se que o *turn* (origem britânica), de 1746, cedeu lugar, em 1960, ao *tour* (de origem francesa) que é usado até hoje. O primeiro registro da palavra "turismo" é de 1800, e consta no Pequeno Dicionário de Inglês Oxford que a conceitua como: "A teoria e prática de viajar, deslocar-se por prazer [...]."

3 Definições Reducionistas para o Fenômeno Turístico

René Descartes (1596 - 1650) criou o método de pensamento analítico, o qual consiste em dividir fenômenos complexos em partes, objetivando-se compreender o comportamento do todo, partindo-se das propriedades de suas partes. "A ênfase nas partes tem sido chamada de mecanicista, reducionista ou atomística [...]" (CAPRA, 1997, p. 33).

Nada melhor do que as palavras do próprio Descartes para descrever alguns de seus preceitos sobre o pensamento analítico:

[...] dividir cada uma das dificuldades [...] em tantas parcelas quantas fosse possível e necessário para melhor resolvê-las.

[...] conduzir por ordem [...] pensamentos, começando por objetos mais simples e fáceis de conhecer, para subir pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos; e supondo certa ordem mesmo entre aqueles que não se precedem naturalmente uns aos outros. (DESCARTES, 1989, p. 26-27).

Esse quadro tornou-se o paradigma científico dominante no período que se seguiu a Descartes, até que a física do século XX proporcionou mudanças no paradigma dominante (CAPRA, 1982). Contudo, como essas mudanças são relativamente lentas, nesse século a visão de mundo mecanicista ainda esteve muito forte. Hoje, essa visão ainda está fortemente arraigada em nossa cultura.

Como vimos anteriormente, o turismo é uma prática antiga. No entanto, só apareceu como área científica de estudos recentemente, dentro dos moldes cartesiano-reducionistas. "Mesmo considerando que importantes bases de seu estudo foram assentadas antes da Segunda Guerra Mundial, seu desenvolvimento científico só ocorreu após a mesma." (REJOWSKI, 2000, p. 16).

Jovicic (1988) *apud* Rejowski (2000), registrou os primeiros trabalhos com a temática

"turismo", situando-os no alvorecer da década de 1870, com grande parte desses tratando de economia e geografia.

Beni (2001, p. 34) afirma que o primeiro a dar uma definição de turismo sob a ótica econômica foi Hermann von Schullern que, em 1910, escreve o seguinte sobre a atividade: "A soma das operações, principalmente de natureza econômica, que estão diretamente relacionadas com a entrada, permanência e deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país, cidade ou região."

Podemos perceber que essa definição é reducionista, a partir do momento em que seu autor enfatizou o elemento econômico da atividade, superestimando-o em relação aos outros que ele trata como "a soma das operações".

Em 1929, surgiram os conceitos da "escola berlinesa" de Benschmidt, Glüksmann e outros (MOESCH, 2000). Robert Glüksmann conceitua o turismo como: "Um vencimento do espaço por pessoas que vão para um local onde não têm residência fixa." (BARRETO, 1995, p. 9).

Essa definição reduz o fenômeno turístico a um deslocamento espacial, não levando em conta todas as suas outras inter-relações com a realidade complexa, como por exemplo, as humanas, as econômicas, as ambientais, etc.

Conforme Barretto (1995, p. 10), Benschmidt conceitua turismo como o "[...] conjunto de relações pacíficas e esporádicas entre viajantes que visitam um local por motivos não-profissionais e os naturais desse lugar."

A definição continua reducionista, enfatizando apenas em algumas relações sociais entre os visitantes e os naturais do lugar visitado. Como podemos perceber, encarar o turismo com uma visão fragmentada nos leva a conceitos reducionistas, fato que prejudica o total entendimento desse complexo fenômeno.

Nesse sentido, surgem os primeiros conceitos de turista. Em 1936, um novo elemento - o sujeito que pratica a viagem - foi acrescido a esse debate por A. J. Norwal (MOESCH, 2000 p. 11): "Turista é a pessoa que entra num país estrangeiro sem a intenção de fixar residência nele, ou de trabalhar regularmente, e que gasta naquele país de residência temporária, o dinheiro que ganhou em outro lugar."

Em 1937, a Sociedade das Nações determinou um critério estatístico para definir turista (Id. Ibid.). "Toda a pessoa que viaja durante 24 horas ou mais por qualquer outro país distinto a sua residência habitual."

Já em 1954, a ONU - Organização das Nações Unidas - adotou o seguinte conceito para turista (IGNARRA, 2001, p. 25):

Toda pessoa, sem distinção de raça, sexo língua e religião, que ingresse no território de uma localidade diversa daquela que tem residência habitual e nele permaneça pelo prazo mínimo de 24 horas e máximo de seis meses, no transcorrer de um período de 12 meses, com finalidade de turismo, recreio, esporte, saúde, motivos familiares, estudos, peregrinações religiosas ou negócios, mas sem propósito de imigração.

4 As Definições Holísticas: uma Aproximação dos Sistemas Turísticos

Capra (1997) afirma que estamos vivendo uma mudança de paradigmas que ocorre tanto no âmbito científico quanto no social e, nesse último, as proporções são ainda mais amplas. O novo paradigma pode nos remeter a uma visão de mundo holística, ecológica ou sistêmica (termo científico mais técnico), a qual concebe o mundo como um todo, integrado, e não como partes independentes.

Alves-Mazzotti (1998)² *apud* Dencker (1998) caracterizou a visão holística afirmando que para compreendermos o significado de um evento ou comportamento devemos entender a inter-relações de seu contexto. Complementando esse raciocínio, consideramos o pensamento de Beni

(2001), de que as definições holísticas procuram abranger um assunto, em sua essência, de forma totalizadora.

Segundo o mesmo autor, em 1942, os professores suíços W. Hunziker e K. Krapf definiram turismo da seguinte maneira. "A soma dos fenômenos e das relações resultantes da viagem e da permanência de não-residentes, na medida em que não leva à residência permanente, e não está relacionada a nenhuma atividade remuneratória."

Essa definição foi reconhecida por diversas organizações internacionais³ e, pelo fato de ter sido elaborada com termos de disciplina acadêmica, permitiram abordagens inter e multidisciplinares (Id. Ibid.). Com essa "definição universal", foram esses pesquisadores que introduziram os primeiros pensamentos e idéias sobre uma "ciência integral do turismo [...]" (REJOWSKI, 2000, p. 16).

Beni (2001 p. 36) nos lembra que Jafar Jafari também deu uma definição holística ao fenômeno, quando o abordou da seguinte forma. "É o estudo do homem longe do seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades, e dos impactos que ambos, ele e a indústria, geram sobre os ambientes físico, econômico e sócio-cultural da área receptora."

Mais contemporaneamente, alguns autores ampliaram suas conceituações devido ao crescimento do turismo, com suas manifestações multifacetadas (MOESCH, 2000). Em 1973, Luiz Fernandes Fuster trouxe a seguinte definição (BARRETTO, 1995 p. 11):

Turismo é, de um lado, conjunto de turistas; do outro, os fenômenos e as relações que esta massa produz em consequência de suas viagens. Turismo é todo o equipamento receptivo de hotéis, agências de viagens, transportes, espetáculos, guias-intérpretes, que o núcleo deve habilitar, para atender às correntes (...). Turismo é o conjunto de organizações privadas ou públicas que surgem, para fomentar a infra-estrutura e a expansão do núcleo, as campanhas de propaganda (...). Também são os efeitos negativos ou positivos que se produzem nas populações receptoras.

Podemos perceber que as definições holísticas, abarcaram o fenômeno turístico com muito mais totalidade do que as primeiras, aquelas elaboradas ainda nos moldes reducionistas de nossa ciência. Nessa linha, a Organização Mundial de Turismo - OMT⁴ adota suas primeiras definições.

Segundo Barretto (1995, p. 12), em 1992, Oscar de La Torre elaborou uma definição que foi adotada pela OMT: "Soma das relações e de serviços resultantes de um câmbio de residência temporário e voluntário motivado por razões alheias a negócios ou profissionais."

Essa é uma das mais conhecidas definições de turismo, contudo, apesar do conceito ser bastante amplo, ainda deixou de fora um segmento muito notável entre os deslocamentos temporários, aquele que mais tarde viria a ser chamado turismo de negócios.

Em 1994, esse organismo internacional adotou uma definição que formalizou os aspectos da atividade turística. "O turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras" (OMT, 2001, p. 38).

Essa definição é mais ampla e flexível, e concretizou as características mais importantes da atividade. São elas:

- Introdução dos possíveis elementos motivadores de viagem: lazer, negócios ou outros;
- Nota temporária do período por um ano, período realmente amplo, máximo se comparado com o tempo normal de duração dos vistos de viagem para turismo dados pelos governos - três meses - ou com a periodicidade prevista por algumas legislações para delimitar o que se considera habitual - seis meses;
- Delimitação da atividade desenvolvida antes e durante o período de estada;

- Localização da atividade turística como a atividade realizada "fora do seu entorno habitual". (OMT, 2001, p. 38).

Com relação a essa última característica, a OMT (1995) *apud* (OMT, 2001, p. 38) nos esclareceu que o "[...] entorno habitual de uma pessoa consiste em certa área que circunda sua residência mais todos aqueles lugares que visita freqüentemente".

Além dessa definição, encontramos uma outra com o mesmo enfoque em documentos oficiais do organismo. "As atividades praticadas pelos indivíduos durante as suas viagens e permanências em locais situados fora de seu ambiente habitual, por um período contínuo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, negócios e outros"⁵ (OMT, 1999).

5 O Turismo e a Visão Sistêmica: alguns modelos

No livro "O Ponto de Mutação", Capra (1982) nos ensina que a visão sistêmica é apropriada tanto para as ciências do comportamento e da vida, quanto para as ciências sociais. Essa visão baseia-se na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos.

O turismo, como fenômeno multifacetado, logicamente não pode ser excluído desse pensamento. Considerando que um sistema consiste em um somatório de partes que culminam em uma operação unitária ou complexa, percebe-se que nos estudos turísticos eles foram utilizados em diversas ocasiões.

De acordo com a OMT (2001), a natureza da atividade turística é um complexo conjunto de diferentes fatores, os quais se inter-relacionam e evoluem de forma dinâmica, devendo ser considerados conjuntamente. Podemos considerar que essa é a essência da visão sistêmica sobre o turismo. Diversos estudiosos da área seguem preceitos sistêmicos, acreditando que o turismo pode ser mais bem compreendido como um sistema inter-relacionado.

Leiper (1981) *apud* Cooper, Shepherd e Westlake (2001) sugeriu uma simples abordagem da estrutura do turismo em três faces: região geradora, de trânsito e de destino. Esse modelo atrativo e intuitivo pode ser usado para reflexões sobre turismo. Também pode ser usado como base para outras abordagens.

Esse modelo é bastante útil na identificação de alguns elementos que interagem em um amplo ambiente. Os elementos variam de acordo com sua natureza, são eles: o turista (elemento dinâmico); a região de origem, a rota de trânsito e a região de destino (elementos geográficos); e a indústria turística (elemento econômico).

Figura 1 - AMBIENTE



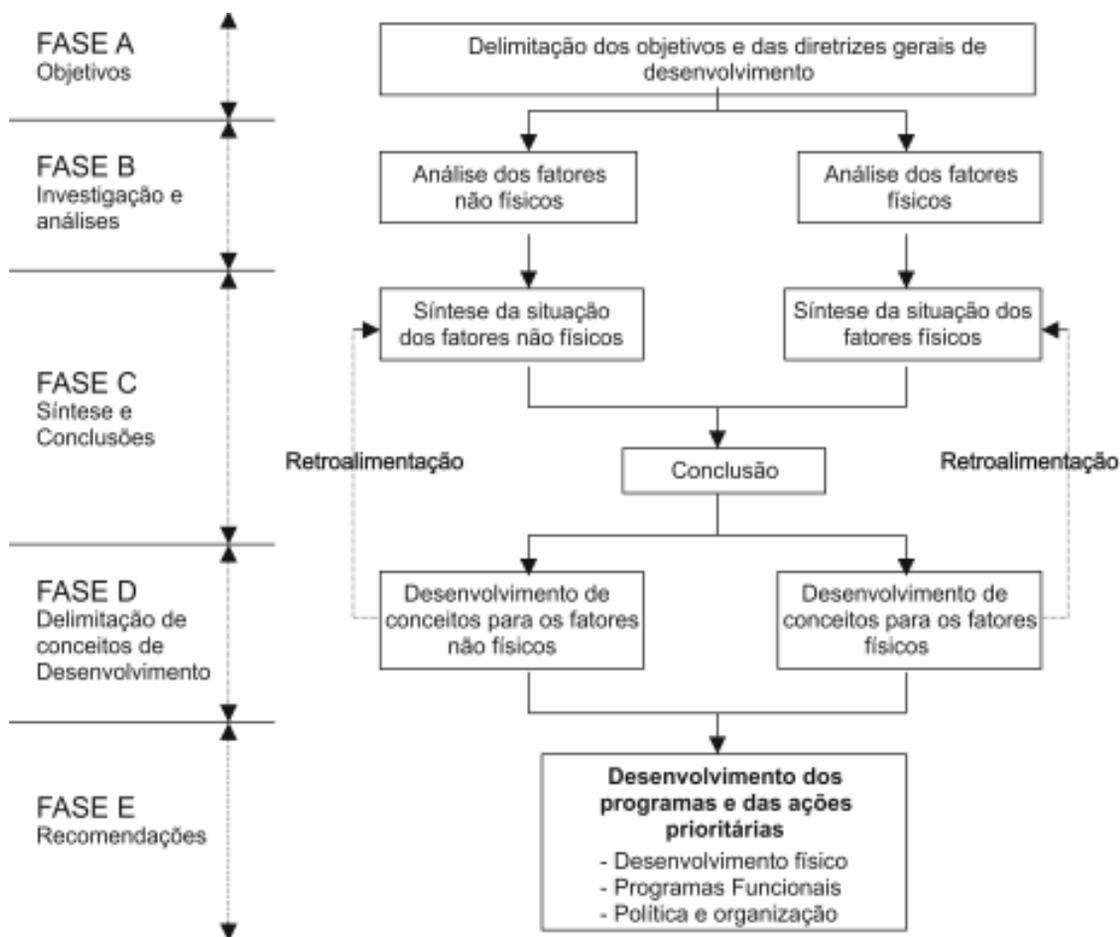
Fonte: ADAPTAÇÃO DO MODELO DE NEIL LEIPER (1981)

Outro modelo desenvolvido é o de Gunn (1979), o qual reflete a influência do ambiente externo e do relacionamento bidirecional entre os diversos elementos do sistema. Pelo fato de conhecer a influência

mútua que certos meios exercem sobre outros, Gunn dá ênfase à interdependência e à importância das diversas facetas do sistema turístico (COOPER, SHEPHERD e WESTLAKE, 2001).

Nesse modelo, Gunn (1979) enfatiza o planejamento turístico em um enfoque regional, estruturando-o de acordo com a figura a seguir:

Figura 2 - Planejamento Turístico Regional



Fonte: ADAPTAÇÃO DO MODELO DE PLANEJAMENTO REGIONAL DE CLAIRE GUNN (1979)

Citamos os modelos anteriores para mostrar que um sistema turístico pode ser elaborado de diversas maneiras. Como afirma Hall (2001), cada modelo pode ser aceito como adequado, dependendo da ênfase conferida ao estudo.

Além dos citados, existem ainda vários outros autores que criaram modelos de sistemas turísticos. Podemos citar como exemplo os estruturalistas da corrente do sistemismo, como Sessa, Beni, Pierre Lané, Molina e Boullón (BENI, 2001).

Em 1988, Beni propõe o Sistur (Sistema de Turismo), um instrumento de trabalho ao mesmo tempo setorizado e globalizante, com referência na teoria geral de sistemas (RODRIGUES, 2001). Essa proposta tem grandes méritos pelo fato de sistematizar os estudos do turismo, especialmente para a vertente operacional (Id. Ibid.).

A Teoria Geral de Sistemas afirma que cada variável, em um sistema específico, interage com todas as outras variáveis desse sistema e com a de outros sistemas que com elas realizam operações de troca e de interação, explicando e desenhando as configurações aproximadas da vida real. (BENI, 2001, p. 44).

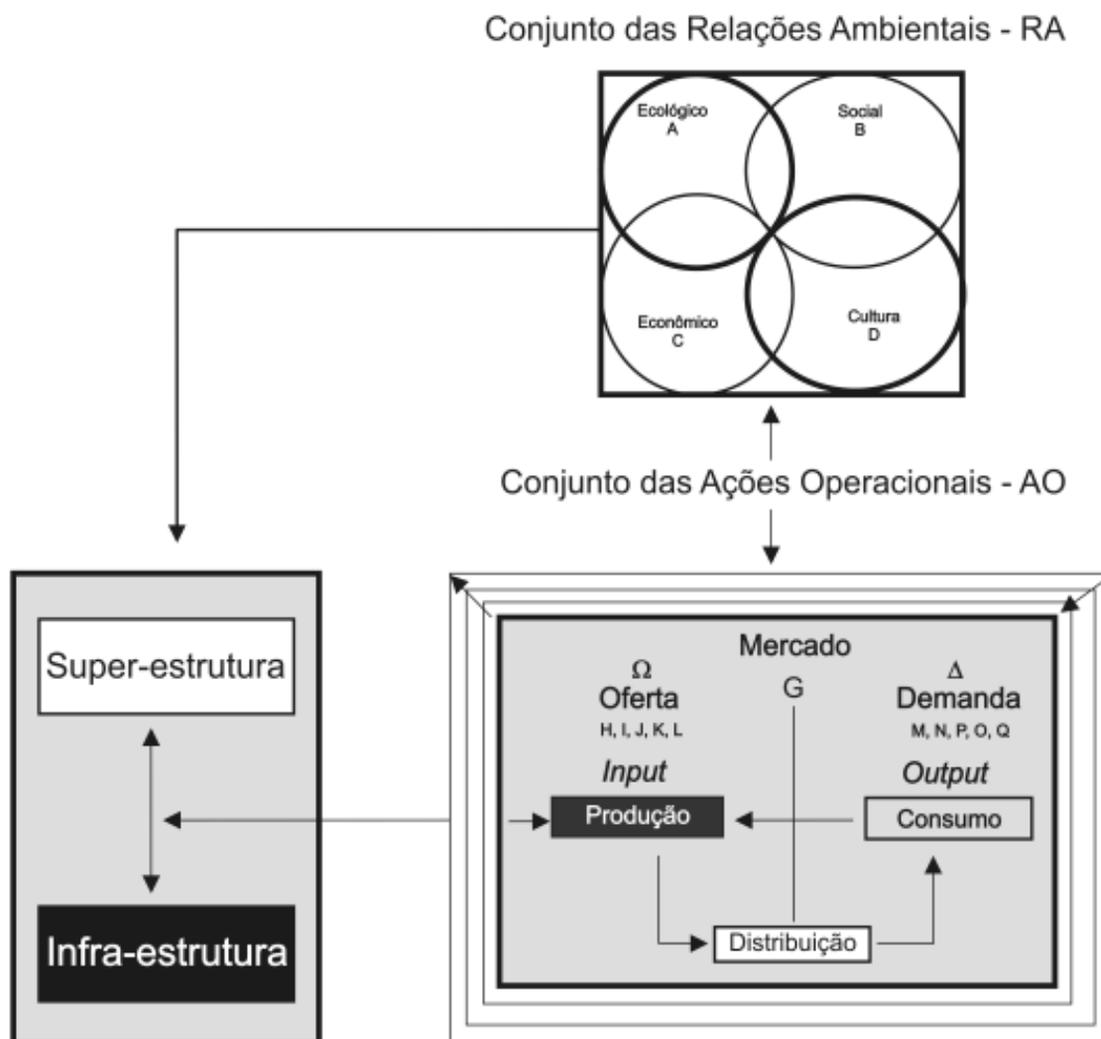
Beni criou o diagrama de contexto do Sistema de Turismo (Sistur), visando ao conhecimento da estrutura da atividade, a qual "[...] compreende diversos e complexos conjuntos de causas e

efeitos que devem ser considerados." (BENI, 2001, p. 51). Esse diagrama é composto por três grandes conjuntos, os quais passamos a descrever de maneira sucinta.

- Conjunto das Relações Ambientais: composto pelos subsistemas ecológico, econômico, social e cultural;
- Conjunto da Organização Estrutural: formado pelos subsistemas da superestrutura e da infra-estrutura;
- Conjunto das Ações Operacionais: articulado sobre os subsistemas de mercado, oferta, demanda, distribuição, produção e consumo.

Vale ressaltar que cada um desses componentes dos conjuntos anteriormente citados apresenta funções próprias e específicas, fato que os caracteriza como subsistemas. (Id. Ibid. p. 47).

Figura 3 Modelo Referencial do SISTUR



FONTE: Beni (2001, p. 47)

Nesse sentido, lembramos o pensamento de Capra (1997), considerando que uma das características-chave do pensamento sistêmico é a existência de distintos níveis de sistemas, uns aninhados dentro de outros, os quais apresentam diferentes graus de complexidade, e oferecem a possibilidade de análise nesses diferentes níveis.

Até o momento presente, dos modelos de sistemas turísticos concebidos, acreditamos que o

modelo de Beni apresentado acima, seja um dos mais completos, pois permite-nos uma análise flexível dos subsistemas que o compõem sem a perda de referência de um contexto mais geral, caracterizado pelo modelo referencial.

A grande vantagem de utilizar modelos de sistemas turísticos é a concepção de que se uma parte do sistema não vai bem, conseqüentemente o todo será afetado. Para Petrocchi (2001), o grande desafio da gestão prática do turismo está ligado ao fato de que uma das variáveis pode afetar totalmente, ou em grande parte, o sistema.

6 Considerações Finais

Após essa reflexão acerca da evolução dos conceitos e dos modelos de sistemas de turismo, esperamos trazer contribuições para um melhor entendimento do que seja esse fenômeno de tão vasta amplitude.

Pudemos perceber que os primeiros conceitos dados sobre turismo surgiram nos moldes mecanicistas de nossa ciência e, portanto, geralmente reduziam-no a uma de suas facetas como, por exemplo, a econômica, geralmente mais enfatizada.

Com o início da mudança de paradigma e a influência da visão de mundo holística, começaram a surgir novas abordagens, mais amplas, as quais começam a considerar suas várias interfaces. A partir daí diversos teóricos elaboraram modelos de sistemas turísticos, cada um com seu enfoque, considerando as inter-relações, os elementos e a dinâmica do turismo. Portanto, acreditamos que a melhor maneira de se compreender o fenômeno turístico (ou qualquer outro de nossa realidade) é buscando as suas relações com o todo.

Analisar turismo sob enfoques reducionistas dificulta aos estudiosos enxergar os amplos impactos que esse fenômeno gera nas diversas esferas de nossa realidade. É difícil de se elencar possíveis contribuições ou impactos negativos que a atividade turística pode trazer para a realidade se não adotarmos um modelo de análise que traduza a realidade de forma ampla e integradora.

Defendemos a opinião de que a epistemologia do turismo deve voltar-se para abordagem sistêmica. Portanto, incentivamos aos pesquisadores da área que busquem aprimorar a visão holística, centrando seus estudos em sistemas de turismo, a fim de conhecerem melhor suas partes, buscando a melhoria do todo, que deve corresponder à nossa realidade vivenciada.

Concepts and Models in Tourism: A Development From Reductionism to Tourism Systems

1 Introduction

At the beginning of this century, a period marked by a growth in debates concerning the paradigms of western mechanistic or reductionist science, various theorists have adopted wide, inclusive concepts, in an attempt to explain the various phenomena (natural or social) in the light of a new approach known as the systemic approach.

The origins of systemic thought lie in general systems theory¹, conceived by Ludwig Von Bertalanffy (1901-1972), and should be seen as a scientific reaction to mechanism in the interpretation of reality.

[...] the meaning of the word "system" [...] comes from the Greek *synhistanai* ("to put together"). To understand things systemically means, literally, to place them within a context, to establish the nature of the relationships between them. (CAPRA, 1997 p. 39).

Systems are series of objects which have a specific relationship between them and their attributes (HALL, 1964 apud ANGELI, 2000). We can also define them as complexes of elements or components which are directly or indirectly related to a network of causes, in such a way that each of these components is related to at least some of the others, with a greater or lesser degree of stability, within a specific period of time (BUCKLEY, 1971 apud ANGELI, 2000).

A "system" can also be understood as an object of study which includes: (1) a set of elements (also known as entities); (2) a set of relationships between elements; and (3) a set of relationships between these elements and the environment (HALL, 2001).

Bertalanffy (1973) classifies systems as closed or open, as follows:

- Closed: subdivided into static structures, clockwork (machines) and control mechanisms (servo-mechanisms of the homeostatic type), in which no material enters or leaves.
- Open: lower organisms, animals, man, socio-cultural systems and symbolic systems, in which energy and matter are imported and exported.

We share the view of Beni (2001), who teaches us that the applications of General Systems Theory to science are innumerable, including their uses in the tourism phenomenon. As the author himself explains, tourism is an open system, since it is subject to exchanges and interpretations with its environment (Id. *Ibid.*).

Based on the above, our proposal is to offer a brief reflection on the more classical concepts of the tourism phenomenon, classifying them according the approach used by their formulators, and placing each form of addressing tourism within a reductionist or holistic concept.

Finally, it verifies the importance of some models of tourism system elaborated so far.

2 The Emergence and Evolution of the Concept of Tourism

One of the biggest challenges facing academics in tourism is perhaps how to define this phenomenon, which is full of interfaces and open to a wide range of possible approaches, both scientific and non-scientific.

The tourism phenomenon can be defined from a number of different perspectives. The approaches of various authors have conferred on it technical, academic, legal, and economic principles; as well as holistic and systemic ones, which attempt to define the phenomenon as completely as possible, and as closely as possible to the reality.

However, one aspect which is inherent to tourism is the temporary change of place of residence; this consideration is based on the concept of travel, which is a type of movement which presupposes a return to the place of origin.

When humans first began to travel is not known, . but it was probably thousands of years ago, when man was still essentially nomadic.

Thus, in historical terms, it began when man left his sedentary lifestyle and began to travel (IGNARRA, 2001).

Archeological research has revealed that thirteen thousand years ago, groups of humans who inhabited a cave in the French Pyrenees traveled to the sea and back (LEAKEY, 1985 apud BARRETTO, 1995).

Authors place the emergence of tourism in Greece (8th Century BC.), with journeys motivated by the olympic games every four years (DE LA TORRE apud BARRETTO, 1995). Others, such as Ignarra (2001), believe it was the Phoenicians who invented the modern concept of travel, carrying

out international trade as a means of survival.

Throughout history, and in the majority of civilizations, man has almost always had a need to travel, whether for the purposes of leisure, trade, health, or other reasons.

According to Moesch (2000), the term tour was first recorded in England, in 1760, and the etymology of the word points to its origins in the Latin *tornus* (noun: turn) and *tornare* (verb: to go around, turn, gyrate). It is believed that the 1796 word *turn* (of British origin), became, in 1960, *tour* (of French origin), which is still used today. The first record of the word "tourism" goes back to 1800, and appears in the *Concise Oxford English Dictionary*, which defined it as: "The theory and practice of travel, journeying for pleasure [...]."

3 Reductionist Definitions of the Tourism Phenomenon

René Descartes (1596 - 1650) created the method of analytical thought, which consists of dividing up complex phenomena into parts, in order to understand the behavior of the whole, based on the properties of its parts. "This emphasis on parts has been called mechanistic, reductionist or atomistic [...]" . (CAPRA, 1997, p. 33).

What better than the very words of Descartes to describe some of his principles on analytical thought:

[...] divide each of the difficulties [...] into as many parcels as necessary is to best resolve them.

[...] place [...] thoughts in order, beginning with the objects which are simpler and easier to know, and gradually increasing, by stages, to a knowledge of the most complex; presupposing a certain order even between those which do not naturally precede one another. (DESCARTES, 1989, p.26-27).

This picture became the dominant scientific paradigm of the period following Descartes, until the physics of the 20th Century began to alter the dominant paradigm (CAPRA, 1982). However, as these changes are relatively slow, in that century the vision of the mechanistic world was still very strong. Today, this vision is still strongly rooted in our culture.

As we saw earlier, tourism is an ancient practice. It is only recently, however, that it has emerged as a scientific area of study, within Cartesian-reductionist molds. "Although important foundations of its study were established before the Second World War, it was not until after the war that its scientific development occurred." (REJOWSKI, 2000 p. 16).

Jovicic (1988) apud Rejowski (2000) recorded the first works on the theme of "tourism", placing them at the beginning of the 1870s, the majority dealing with economics and geography.

Beni (2001, p. 34) states that the first to give a definition of tourism from an economic perspective was Hermann von Schullern, in 1910, who described the activity as: "The sum total of operations, particularly economic, which are directly related to the entry, stay and travel of foreigners to and from a country, town or region."

We can see that this definition is reductionist, based on the emphasis given by its author, on the economic element of the activity, over-estimating this aspect in relation to the others, which he treats as "the sum total of operations".

In 1929 emerged the concepts of the "Berlin school" of Benscheidt, Glüksmann and others (MOESCH, 2000). Robert Glüksmann defined tourism as: "A conquering of space by people who go to a place where they are not permanently resident" (BARRETO, 1995, p. 9). 9).

This definition reduces the tourism phenomenon to mere spatial movement, without taking into account all its other interrelations with the complex reality, such as the human, economic, environmental, etc.

According to Barretto (1995, p. 10), Benscheidt defines tourism as the "[...] group of pacific and

sporadic relations between travelers who visit a place for non-professional motives, and the natives of that place."

This definition is also reductionist, as it emphasizes only some of the social relations between the visitors and the natives of the place visited. As we can see, having a fragmented view of tourism leads us to reductionist concepts, jeopardizing the complete understanding of this complex phenomenon.

Thus, the first concepts of tourism emerged. In 1936, a new element - the subject who practices travel - was added to the debate by A. J. Norwal (MOESCH, 2000, p. 11): "A tourist is a person who enters a foreign country without any intention to reside there permanently, or carry out regular work, and who spends in that country of temporary residence, the money that he earned in another place."

In 1937, the Society of Nations specified a statistical criteria for defining a tourist (Id. Ibid.): "Any person who travels for 24 hours or more, to any other country that is not his place of habitual residence."

In 1954, the UNO- United Nations Organization - adopted the following concept for tourist (IGNARRA, 2001, p. 25):

Any person, without distinction of race, sex, language or religion, who enters the territory of a locality which is different from that of his habitual residence, and remains there for a period of more than 24 hours and less than six, during a 12-month period, with the purpose of tourism, recreation, sport, health, family motives, study, religious pilgrimages or business, but without any intention to immigrate.

4 Holistic Definitions: an Approach to Tourism Systems

Capra (1997) states that we are experiencing a change of paradigms, both in the scientific and social contexts, and in the latter, the proportions are even wider. The new paradigm can lead us to a holistic, ecological or systemic (a more technical scientific term) world view, which sees the world as an integrated whole, and not as independent parts.

Alves-Mazzotti (1998)² apud Dencker (1998) describe the holistic vision, affirming that in order to understand the meaning of an event or behavior, we need to understand the interrelations that surround it. Complementary to this reasoning is the thinking of Beni (2001), that holistic definitions seek to understand the essence of a subject, viewing it as a whole.

According to Beni, in 1942, Swiss professors W. Hunziker and K. Krapf defined tourism as follows. "The sum total of the phenomena and relations arising from the travel and stay of non-residents, provided it does not lead to permanent residence, and is not related to any paid activity."

This definition was recognized by various international organizations³ and, due to the fact that it was elaborated using academic disciplinary terms, which enabled inter- and multidisciplinary approaches (Id. Ibid.). With this "universal definition", it was these researchers who introduced the first thinking and ideas on an "integral science of tourism [...]" (REJOWSKI, 2000, p. 16).

Beni (2001 p. 36) reminds us that Jafar Jafari also offers a holistic definition of the phenomenon, when he addresses it as follows: "Tourism is the study of man away from his usual habitat, of the industry which responds to his needs, and of the impacts that both he and the industry have on host sociocultural, economic, and physical environments" ..

But nowadays, some authors have widened their concepts, owing to the growth of tourism, with its multi-faceted manifestations (MOESCH, 2000). In 1973, Luiz Fernandes Fuster offered the following definition (BARRETTO, 1995 p. 11):

Tourism is, on one hand, a set of tourists; on the other, the phenomena and relations which this body of people produces, as a result of their travel. Tourism is the whole inbound equipment of hotels, travel agencies, transport, shows, guides, and interpreters, which the center should train, to meet the tourism flows (...). Tourism is the set of private or public organizations which

emerge, to supply the infrastructure and expansion of the center, the advertising campaigns (...). It is also the negative or positive effects which are produced in the host populations.

As we can see, the holistic definitions embrace the tourism phenomena in a much more complete way than the early definitions, elaborated in the reductionist molds of our science. It was along these lines that the World Tourism Organization - WTO⁴ adopted its first definitions.

According to Barretto (1995, p. 12), in 1992, Oscar de La Torre elaborated a definition which was adopted by the WTO: "The sum of the relations and services resulting from an temporary and voluntary change of residence for, for business or professional motives."

This is one of the most well-known definitions of tourism, however, despite the fact that the concept is a very wide one, it still left out a notable sector of temporary travel, which later came to be known as business tourism.

In 1994, this international body adopted a definition which formalized the aspects of tourism activity. "Tourism consists of the activities of persons traveling to and staying in places outside their usual environment for not more than one consecutive year for leisure, business and other purposes" (OMT, 2001, p. 38).

This definition is wider and more flexible, and concretizes the most important aspects of the activity, which are:

- The introduction of the possible elements motivating the travel: leisure, business or others
- Temporary note of a period for one year, which is a very long period compared with the normal duration of travel visas granted by governments - three months - or the period stipulated by some legislations to delimit what is considered usual - six months.
- Delimitation of the activity carried out before and during the period of the stay
- Location of the tourism activity, as the activity carried out "outside the usual environment". (OMT, 2001, p. 38).

In relation to this last characteristic, the WTO (1995) apud (OMT, 2001, p. 38) clarifies that the "[...] usual environment of a person consists of a certain area around his/her residence plus all other places s/he frequently visits".

In addition to this definition, we find another with the same focus in official documents of the body. "The activities of persons traveling to and staying in places outside their usual environment for not more than one consecutive year for leisure, business and other purposes."⁵ (OMT, 1999).

5 Tourism and the Systemic Vision: some models

In his book "O Ponto de Mutação", Capra (1982) teaches us that the systemic view is appropriate both for the behavioral and life sciences, and for the social sciences. This view is based on the awareness of the essential state of interrelationship and interdependence of all phenomena.

Tourism, as a multi-faceted phenomena, cannot, of course, be excluded from this thinking. Considering that a system consists of the sum of its parts which culminate in a unitary or complex operation, it is perceived that in tourism studies, these have been used on various occasions.

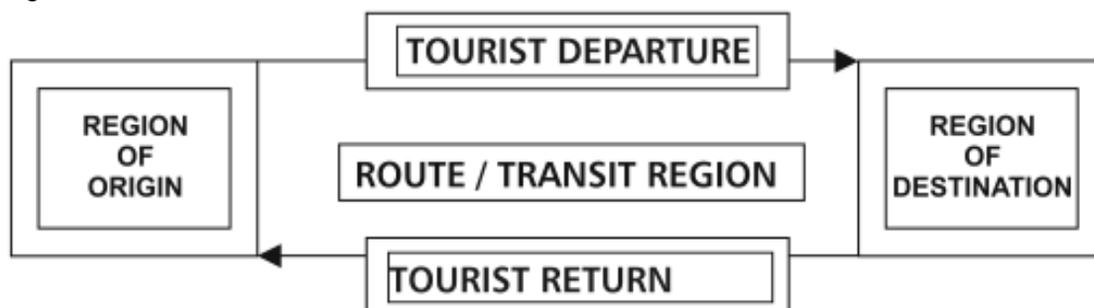
According to the WTO (2001), the nature of tourism activity is a complex set of different factors which are interrelated, and develop in a dynamic way, and which should be considered as a whole. We can see this as the essence of the systemic view of tourism. Various academics in the area follow systemic principles, in the belief that tourism can be better understood as an interrelated system.

Leiper (1981) apud Cooper, Shepherd and Westlake (2001) suggest a simple approach to a three-sided tourism structure: generating, transit and destination region. This attractive, intuitive model can be used for reflections on tourism. It can also be used as a basis for other approaches.

This model is very useful for identifying some elements that interact in a wide environment. The

elements, which vary according to their nature, are as follows: the tourist (dynamic element); the region of origin, the transit region and the destination region (geographical elements); and the tourism industry (economic element) .

Figure 1 - Environment

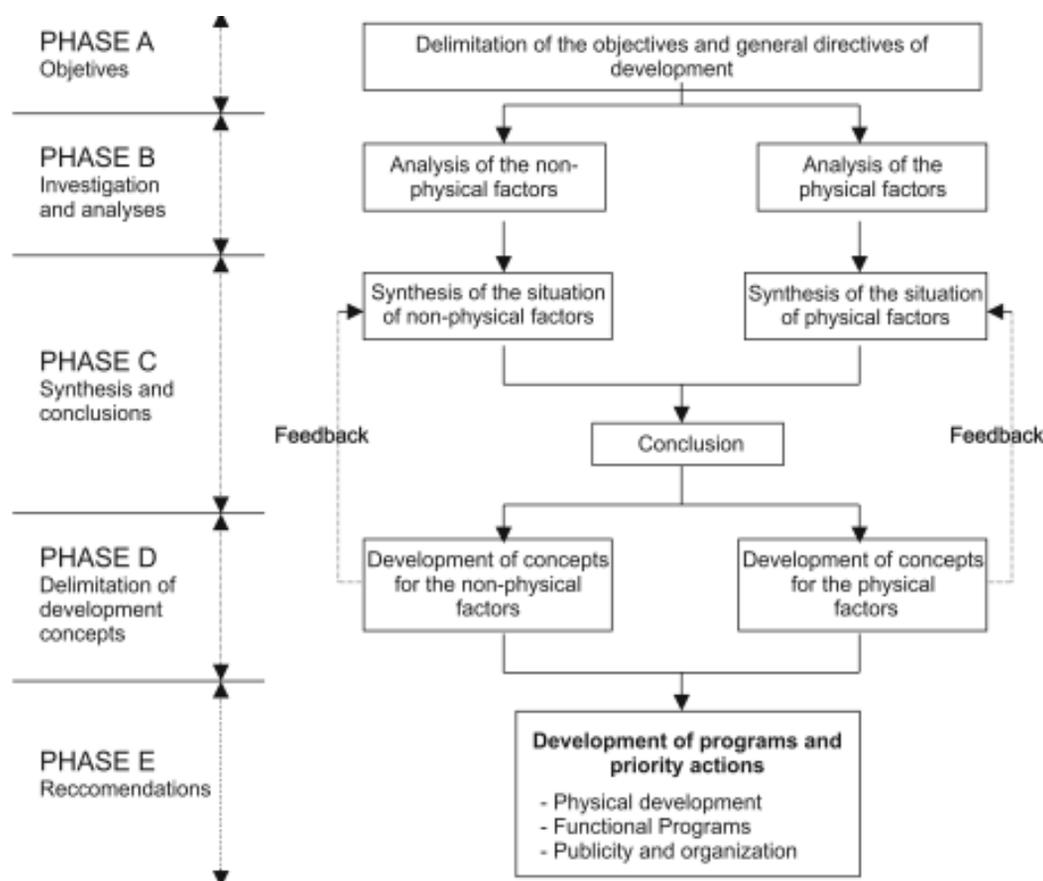


Source: Adapted from the model of neil leiper (1981)

Another model developed is that of Gunn (1979), which reflects the influence of the external environment and the bi-directional relationship between the diverse elements of the system. Through the awareness of the mutual influence that certain environments exert over others, Gunn emphasized the interdependence and importance of the various facets of the tourism system (COOPER, SHEPHERD and WESTLAKE, 2001).

In this model, Gunn (1979) emphasized tourism planning within a regional focus, structuring it according to the figure below:

Figure 2 - Regional Tourism Planning



Source: ADAPTATION OF THE REGIONAL PLANNING MODEL OF CLAIRE GUNN (1979)

We cite the models above to show that a tourism system can be elaborated in various ways. As Hall (2001) affirms, each model can be accepted as adequate, depending on the emphasis given to the study..

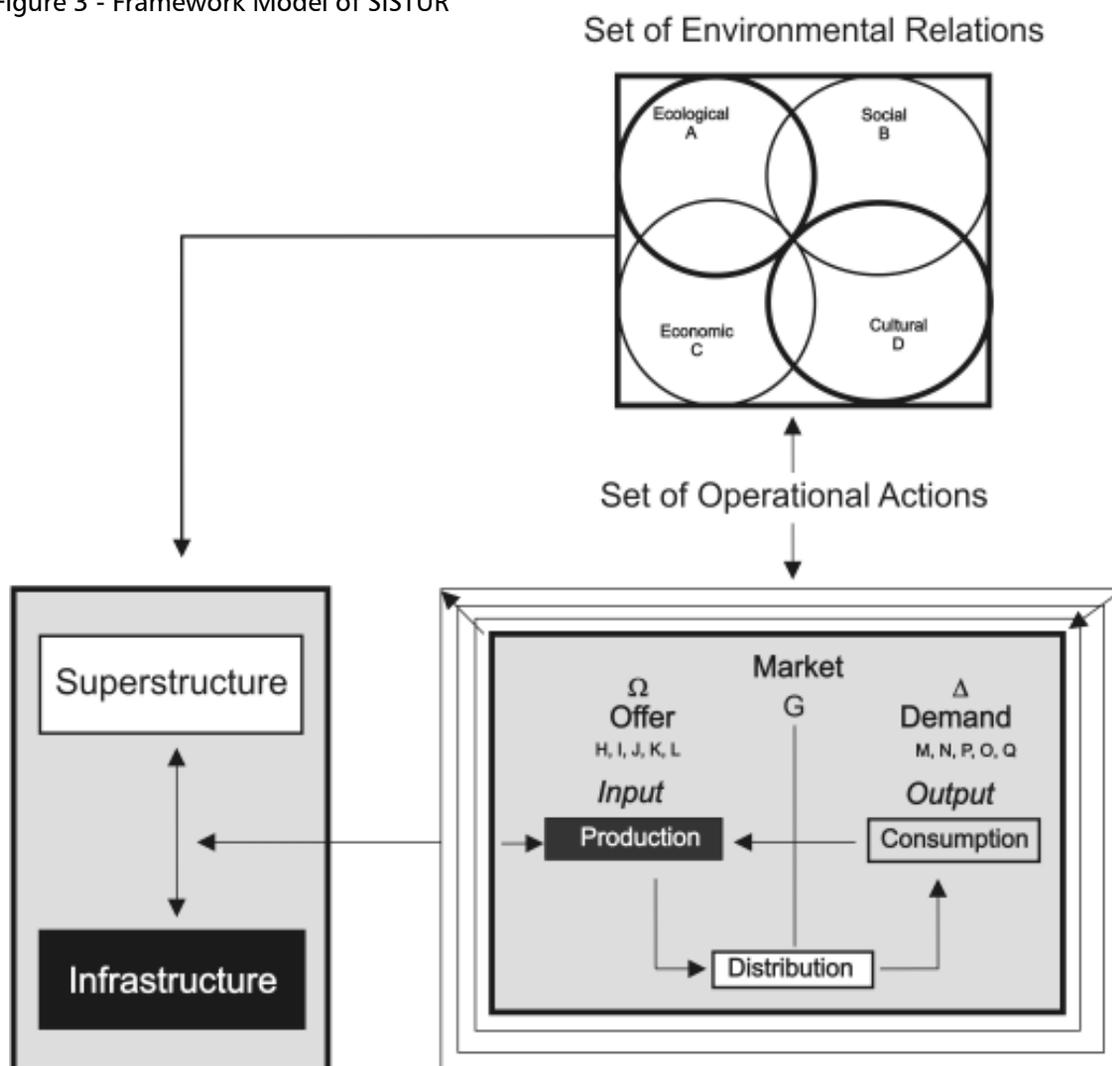
In addition to those mentioned, there are various other authors who have created models of tourism systems. For example, the structuralists of the systemic stream of thought, such as Sessa, Beni, Pierre Lané, Molina and Boullón (BENI, 2001).

In 1988, Beni proposed Sistur (Tourism System), a working tool which is, at the same time, sectorizing and globalizing, taking general systems theory as a basis (RODRIGUES, 2001). This proposal has great merit due to the fact that it systemizes tourism studies, particularly the operational side (Id. Ibid.).

General Systems Theory affirms that each variable, in a specific system, interacts with all the other variables in this system and with other systems with which they carry out operations of exchange and interaction, explaining and designing configurations that resemble real life. (BENI, 2001, p. 44).

Beni created the diagram of the context of the Tourism System (Sistur), aimed at a knowledge of the structure of the activity, which "[...] includes various and complex sets of causes and effects that should be considered." (BENI, 2001, p. 51). This diagram is comprised of three major groups, which we describe briefly below.

Figure 3 - Framework Model of SISTUR



SOURCE: Beni (2001, p. 47)

- The Environmental Relations group: comprised of the ecological, economic, social and cultural subsystems.
- The Structural Organization group: comprised of the subsystems of the superstructure and infrastructure.
- The Operational Actions group: articulated on the subsystems of the market, offer, demand, distribution, production and consumption.

It should be noted that each of these components of the groups mentioned above has its own specific functions, and is therefore characterized as a subsystem. (Id. Ibid. p. 47).

In this sense, we remember the thinking of Capra (1997), that one of the key characteristics of systemic thought is the existence of separate levels of systems, some nested within others, which present different levels of complexity, and offer the opportunity for analysis at these different levels.

Until now, of the models of tourism systems conceived, we believe that the model of Beni, presented above, is one of the most complete, since it enables a flexible analysis of the subsystems which comprise it, without losing the framework of a more general context, characterized by the basic model.

A major advantage of using models of tourism systems is the concept that if part of the system does not work well, then the whole will be affected. For Petrocchi (2001), the major challenge facing the practical management of tourism is related to the fact that one of the variables can totally, or largely, affect the system.

6 Final Considerations

Following this reflection on the development of concepts and models of tourism systems, we hope to bring contributions to a better understanding of this phenomenon, of vast scope.

We can see that the first concepts given for tourism emerged from the mechanistic molds of our sciences, and so generally reduced it to one of its facets, such as the economic, the one generally given most emphasis.

With the beginning of the change of paradigm and the influence of the vision of the holistic world, new, wider approaches began to emerge, which began to take into consideration its various interfaces. From there, various theories have elaborated models of tourism systems, each with its own focus, taking into consideration the interrelations, the elements and the dynamic of tourism. It is believed, therefore, that the best way to understand the tourism phenomenon (or any other phenomenon of our reality) is to seek its relations with the whole.

Analyzing tourism from a reductionist perspective makes it difficult for academics to see the wider impacts this phenomenon generates in the various spheres of our reality. It is difficult to list the possible contributions or negative impacts that tourism can bring to the reality if we do not adopt a model of analysis which translates the reality in a wide and integrating way.

We defend the opinion that the epistemology of tourism should be focused on a systemic approach. We therefore encourage researchers in the area to seek to sharpen the holistic vision, focusing their studies on tourism systems, in order to better know its parts, seeking the improvement of all, which should correspond to the reality we experience.

Referências/References

- ANGELI, M.N.B. **Planejamento e organização em turismo**. 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- BARRETTO, M. **Manual de Iniciação ao estudo do turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BENI, M.C. **Análise Estrutural do Turismo**. 5ª ed. São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 2001.
- BERTALANFFY, L. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CAPRA, F. **A Teia da Vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix / Amana Key, 1997.
- CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- COOPER, C.; SHEPHERD, R.; WESTLAKE, J. **Educando os educadores em turismo: manual de educação em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Roca, 2001.
- DENCKER, A. de F.M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.
- DESCARTES, R. **O discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- HALL, C.M. **Planejamento Turístico: políticas, processos e relacionamentos**. São Paulo: Contexto, 2001.
- IGNARRA, L.R. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001. 135p.
- MOESCH, M.M. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.
- OMT - Organização Mundial de Turismo. **Conta Satélite do Turismo (CST)**, quadro conceptual. Madri: 1999.
- OMT - Organização Mundial de Turismo. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.
- PETROCCHI, M. **Gestão de pólos turísticos**. São Paulo: Futura, 2001.
- REJOWSKI, M. **Turismo e pesquisa científica: Pensamento internacional x situação brasileira**. 4ª ed. Campinas - SP: Papirus, 2000.
- RODRIGUES, A.A.B. **Desafios para os estudiosos do turismo**. In: RODRIGUES, A.A.B. (Org). **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2001. p.17-32.

Notas Explicativas

¹ Para um maior aprofundamento sobre essa teoria, consultar BERTALANFFY, L. *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis, Vozes: 1973.

² ALVES-MAZZOTTI, Alda & GEWANDSZAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais*. São Paulo: Pioneira, 1998. p. 131.

³ Por exemplo, pela Aiest (Associação Internacional de Especialistas na Ciência do Turismo). (BARRETO, 1995, p. 11).

⁴ Principal organização no campo das viagens e do turismo, em âmbito internacional. (Informação disponível em www.world-tourism.org; acesso em 26 set. 2003).

⁵ Nações Unidas e Organização Mundial do Turismo. *Recomendações sobre as Estatísticas do Turismo*, Nações Unidas, Séries M, n° 83, Nova Iorque, 1994.

